

O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE LEITURA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Adriana Aparecida Rodrigues*

Silvana Malavasi**

Fátima Aparecida de Souza Francioli***

* Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campus Paranavaí. drikarodrigues66@hotmail.com

** Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campus Paranavaí. silvanamalavasi@hotmail.com

*** Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campus Paranavaí. fas.francioli@hotmail.com

Resumo

O presente estudo tem como finalidade refletir sobre o processo de leitura, pontuando que a leitura se encontra atrelada ao conhecimento historicamente produzido pela humanidade. Parte-se do pressuposto que o processo de leitura é marcado pelas mudanças nos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais da sociedade. Atualmente, presencia-se na prática escolar o desenvolvimento da leitura em um sentido distorcido de sua essência, marcado pela presença de uma prática seletiva e julgadora. Para atender ao objetivo proposto neste artigo, inicialmente, busca-se fazer um panorama histórico do processo de leitura. Posteriormente, ressalta-se o desenvolvimento da leitura, a fim de contribuir para que o leitor amplie sua criticidade. O estudo permite evidenciar que a leitura e a realização de atividades de leitura contribuem para que os alunos interajam com seu meio social.

Palavras-chave: leitura e conhecimento, historicidade, processo de leitura.

Abstract. The development of the reading process: initial approaches. The reading process, especially the topic that reading is historically tied to man-made knowledge, is investigated. We depart from the assumption that the reading process is actually highlighted by changes in society's social, economic, political and cultural contexts. There is currently a development of reading in school practice, marked by a selective and determined practice, which is deviant from its essence. A historical review of the reading process is first undertaken, whereas the development of reading is underscored so that the reader might be more critical. Current analysis evidences that reading and reading activities contribute so that students may interact with their social milieu.

Keywords: Reading and knowledge, historicity, reading process.

Introdução

Nos processos de ensino e aprendizagem, a leitura é um dos fundamentos básicos para a aprendizagem dos conteúdos das disciplinas que compõem o currículo escolar. Nesse sentido, a leitura, juntamente com a escrita, é um instrumento de esclarecimento e saber que fomenta o desenvolvimento dos sujeitos. Portanto, é fundamental sua aprendizagem no processo educacional.

Referente à importância da aprendizagem da leitura pela criança, José e Coelho (1999) salientam:

Através de experiências científicas constatou-se que o sucesso da criança na aprendizagem da leitura [...] depende do seu amadurecimento fisiológico, emocional, neurológico, intelectual e social. A criança aprende naturalmente a falar a linguagem do grupo em que vive (linguagem regional ou dialeto). À escola cabe desenvolver a linguagem oral que o aluno traz, através da atividade pedagógica, que deve garantir a aprendizagem da leitura [...] (JOSÉ; COELHO, 1999, p. 75).

Nessa perspectiva, compreendemos que o processo de leitura envolve fatores físicos, psicológicos e sociais. A fim de assegurar a aprendizagem da leitura, as instituições de ensino

desenvolvem metodologias diversificadas que ao longo dos anos passam por modificações.

Neste artigo, pretendemos compreender historicamente o desenvolvimento do processo de leitura, bem como analisar suas atuais finalidades. Acreditamos ser indispensável relacionar o processo de leitura com o processo de produção e reprodução da vida concreta, no qual se delineiam necessidades e tentativas de solução para os problemas existentes. Saviani (2005) elucida que o processo educativo não é composto por um único elemento, mas por uma junção de elementos marcados pelo saber historicamente produzido e pelo trabalho educativo, pois o homem não se transforma naturalmente em homem; precisa da mediação e apropriação dos conhecimentos propagados na sociedade.

Conforme Saviani (2005, p. 07), a formação humana, bem como o processo educativo mediante o qual essa formação se consolida, se transforma no decorrer da história humana. A esse respeito o autor ressalta que “[...] a origem do homem pelo desenvolvimento de processos educativos, inicialmente coincidentes com o próprio ato de viver, os quais se foram diferenciando progressivamente até atingir um caráter institucionalizado cuja forma mais conspícua se revela no surgimento da escola [...]”. Nesse seguimento, a escola foi paulatinamente se modificando, mediante as relações sociais transformando-se numa forma dominante da educação, na qual o saber sistematizado, de caráter científico, foi gradualmente predominando sobre o saber não sistematizado.

Coaduna-se com essa reflexão, o processo de leitura que também se encontra marcado pelos contextos econômicos, políticos e culturais presentes na sociedade, comprometendo, assim, seu desenvolvimento justamente por estar imbricado nos interesses e manutenção do mercado de trabalho.

Processo de leitura: reflexões históricas

A prática de leitura, marcada pela estruturação histórica da sociedade, passou por transformações ao longo dos anos, em decorrência das modificações nos contextos econômicos, políticos e culturais da sociedade. Nesse sentido, podemos assinalar que o processo de leitura não é estático, justamente

por passar por alterações mediante as necessidades sociais.

É importante ressaltar que a historicidade da leitura está imbricada com a escrita. Santos (1961, p. 117) salienta que “[...] A princípio, o papel mais importante coube à linguagem falada. Mais tarde, a linguagem escrita superou a falada pela sua influência sobre o desenvolvimento cultural da sociedade”. Desse modo, enfatizamos que as modificações no processo de leitura se encontram atreladas ao processo de escrita, que por sua vez, também está relacionado às modificações sociais.

A respeito da história da leitura, Zilberman (s/d) faz as seguintes considerações:

Pode-se conceber uma história da leitura da maneira mais simples, enquanto mero relato da progressão cronológica das obras escritas. Essa acepção, ainda que singela, impõe de imediato certas condições; a primeira é a de existir a escrita, reconhecida pela sociedade enquanto um de seus possíveis meios de comunicação; outra, é a de obras produzidas terem se tornado públicas, vale dizer, socializadas. Da sua parte, essa socialização decorre de algumas providências, como a de possibilitar o acesso à escrita por parte dos membros da sociedade, o que implica também o estabelecimento de uma instituição encarregada de fazê-lo: a escola, que, de seu lado, carece de pessoal qualificado para desempenhar a tarefa de decodificar letras e alfabetizar – o que corresponde à leitura (ZILBERMAN, s/d, p. 1).

Ainda sobre a história da leitura, autores como Kilian e Cardoso (2012, p. 2) ressaltam:

Segundo relatos históricos e arqueológicos, foi na Babilônia onde tudo começou. Hoje, dessa cidade só restam ruínas na região Mesopotâmica do Egito. Seu povo foi o precursor de muitos avanços da civilização como, por exemplo, agricultura, arquitetura, comércio, astronomia, direito, escrita. Nesse local, surgiram as primeiras inscrições do que viria a consumir o nascimento de uma prática revolucionária – a leitura

Conforme as autoras acima citadas, na Antiguidade, com o surgimento de símbolos gráficos e sistemas fonográficos, apareceram os primeiros indícios de registros escritos produzidos pelo homem, que foram evoluindo

ao longo dos anos, até chegar à escrita convencional.

A partir do pressuposto que a escrita exige um leitor que surgem alguns dos fatores referentes à leitura de maior contato imediato: escrita, autor, leitor, função e prática social, conferindo-lhe, assim, um caráter modificador de interação social. Ademais, sabe-se que a capacidade de armazenamento de informações é limitada no cérebro e a recuperação de dados pela escrita através da leitura permite a rememoração de informações sem a necessidade da presença do autor. Nesse sentido, a leitura passou por vários caminhos. Inicialmente, cumpria seu papel por meio da oralidade; após, houve a invenção da leitura silenciosa na Grécia Antiga; e, hoje, articula-se com os mais variados processos de circulação, especialmente, com a mídia eletrônica [...] (KILIAN; CARDOSO, 2012, p. 02).

Também para Peres (2010, p.23), “A prática da leitura contribui para a formação do homem, porque lhe proporciona o acúmulo de conhecimentos advindos de fontes escritas, capacitando-o a interagir de forma mais crítica com o mundo [...]”. Essa afirmação demonstra que toda prática de leitura sofreu modificações e adaptações, passando por diferentes etapas determinadas pelas alterações sociais. A esse respeito o autor afirma:

[...]. Tais possibilidades estão ancoradas às mudanças ocorridas no desenvolvimento da Linguística ao longo do tempo, tais como:

- 1) à gramática normativa ou tradicional;
- 2) ao estruturalismo saussuriano;
- 3) ao transformacionalismo chomskyano;
- 4) às correntes de estudo da língua rotuladas de linguística de enunciação (Linguística Textual, Teoria do Discurso, Análise do Discurso, Análise da Conversação, Semântica Argumentativa, Pragmática) (PERES, 2010, p. 23).

O primeiro item, citado por Peres (2010), faz referência à decodificação da leitura, por meio de uma leitura mecanicista, marcada pelo pensamento racionalista, presente no século XVII. Nesse momento, o ensino da leitura partia da execução de exercícios combinatórios, com o intuito de que ocorresse a compreensão do texto embasado na pronúncia.

O segundo item diz respeito à extração de sentidos do texto, em um processo ascendente de leitura, no qual a fonte é o texto. Nessa concepção de leitura, a unidade de ensino é o texto, no qual a “[...] extração de sentido consiste em entender a leitura como um processo ascendente ou dependente do texto. [...] linear e indutivo, da esquerda para a direita e de cima para baixo; [...]” (PERES, 2010, p. 24-25).

Já o terceiro item refere-se à atribuição de sentidos ao texto, em um processo descendente de leitura, no qual a fonte é o leitor. Nessa concepção, a leitura é um processo de atribuição de significados, marcado pela relação de informações não-visuais e visuais. Peres (2010, p. 26) descreve que “[...], nessa relação, quanto mais informação não-visual o leitor tiver no momento da leitura, de menos informação visual ele precisará; e quanto menos informação não-visual o leitor tiver durante a leitura, de mais informação visual ele precisará”.

O último item diz respeito à leitura como um processo sociointerativo. “Nesse processo, ler consiste na interação entre autor e leitor, e o texto funciona como fornecedor das pegadas das intenções de quem o escreveu. Logo, o texto não é considerado somente uma unidade funcional, isto é, unidade de comunicação” (PERES, 2010, p. 27).

Evidenciamos, assim, a presença de concepções de leitura que se divergem entre si. A primeira parte de uma leitura mecanizada; a segunda prioriza o texto escrito; a terceira prioriza o leitor; e a quarta apresenta a leitura como um instrumento de comunicação, marcado por intencionalidades. O fato é que as transformações nas concepções de leitura se encontram atreladas às relações de trabalho estabelecidas historicamente entre os homens, que, por sua vez, estão diretamente relacionadas às crises econômicas e políticas, proporcionando o desenvolvimento de novas formas de organização da leitura. Essas novas formas não se encontram isoladas no período de sua criação, mas estão imbricadas com as relações sociais, articuladas entre si. Por isso, não demonstram neutralidade, já que estão em processo de permanente transformação e desenvolvimento.

No que se refere ao processo histórico, a partir do século XIX, no modelo de produção taylorista¹, a educação era voltada para atender à

¹ Com a revolução industrial, surge nos Estados Unidos, a partir do final do século XIX – XX, o taylorismo, desenvolvido por Frederick Taylor (1856-1915). Imagens da Educação, v. 5, n. 1, p. 16-24, 2015.

produção. Havia um investimento na educação do trabalhador com o intuito de melhorar a produção e, conseqüentemente, o lucro; a preocupação não estava voltada à formação humana emancipatória. O modelo de produção fordista², isto é, a produção em massa expropriou o trabalhador de qualquer conhecimento, já que para desempenhar as funções mecânicas que lhe eram determinadas pouco conhecimento era necessário.

Nessa perspectiva, observamos que as pedagogias que prevaleciam nesse momento histórico privilegiavam as ações conservadoras das tendências Tradicional, Nova e Tecnicista, baseando-se na separação entre pensamento e ação, sem mostrar, como ocorre a dominação e como se originam as desigualdades. Temos nesse contexto a presença mesclada da concepção de leitura mecanizada, que prioriza o leitor e o texto.

Já no toyotismo³ vemos que esse modelo rompeu com as formas de organização dos

modelos anteriores. Considerando-se que a educação segue o mesmo sistema da empresa, a finalidade do trabalho educativo fundamenta-se na flexibilidade, no qual o perfil do trabalhador é baseado na qualidade total, e este precisa ser polivalente, criativo e autônomo, para adequar-se ao mercado de trabalho.

Nessa ótica a escola, por sua vez, torna-se responsável pela formação deste novo homem, sendo ela uma ferramenta essencial para a manutenção e valorização do capital. Diante disso, a educação como instrumento primordial tem sido organizado para atender às necessidades da. Nesse contexto, temos a presença da concepção de leitura sociointerativa.

A esse respeito Zilberman (s/d) descreve que, atualmente, a leitura é um

[...]. Produto da escola e critério para ingresso e participação do indivíduo na sociedade, veio a ser valorizada como idéia, por distinguir o homem alfabetizado e culto do analfabeto e ignorante. A leitura passou a distinguir, mas afastou o homem comum da cultura oral; nesse sentido, cooperou para acentuar a clivagem social, sem, contudo, revelar a natureza de sua ação, pois colocava o ato de ler como um ideal a perseguir. O ainda não leitor apresenta-se na situação primitiva de falta, que lhe cumpre superar, se deseja ascender ao mundo civilizado da propriedade, por

1915. Segundo Coriat (1985), o taylorismo e os seus instrumentos proporcionaram uma revolução nas forças produtivas do capital, pela seleção das ferramentas existentes e o estabelecimento de regras para a concepção de novas ferramentas. É uma técnica de organização do processo de trabalho que, nesse contexto, era considerada revolucionária por modificar a organização do processo de trabalho, mesmo com a resistência do sindicalismo de operários qualificados no ofício, e por decompor a classe operária em diferentes componentes. Partia da uniformização e estandardização da ferramenta e do produto; da separação do trabalho de concepção e de execução; da decomposição do trabalho complexo em simples; da exploração do trabalho vivo; e trabalho morto sendo considerado à base do processo de trabalho.

² Nos Estados Unidos, baseado no taylorismo, no século XX, conforme Gounet (1992), surge o fordismo, desenvolvido por Henry Ford em uma fábrica de automóvel. É uma nova forma de organização do processo de trabalho, que se apóia em cinco transformações principais: 1º racionalizar as operações realizadas pelos operários, a fim de combater os desperdícios; 2º parcelamento das tarefas, o que gera a desqualificação dos operários; 3º criação da esteira rolante, a fim de regular o trabalho, por meio do controle da direção da empresa; 4º padronização das peças; 5º automatização das fábricas. “Os resultados dessas transformações são, no mínimo, prodigiosos” (GOUNET, 1992, p. 19).

³ O chamado toyotismo é um processo produtivo expressivo no interior do capitalismo. Este processo de produção nasceu do pós-guerra japonês e se consolidou no Japão, mantendo-se até os dias atuais

em escala global. Esta nova organização do trabalho foi introduzida, progressivamente, nas décadas de 1950 a 1970 na Toyota, sendo Taiichi Ohno considerado o pai do toyotismo. Por ser este sistema de produção próprio do Japão, recebe o nome de métodos flexíveis, *just-in-time*, método *kanban* ou toyotismo. A Toyota foi a primeira a empregá-lo. Gounet (1992, p. 27) descreve que o toyotismo pode ser resumido em seis pontos: 1º produção puxada em decorrência da demanda de crescimento e fluxo; 2º combate ao desperdício; 3º flexibilidade na organização do processo de trabalho; 4º a utilização do *Kanban* “[...] é uma espécie de placa que indica muitas coisas, porém a mais importante é a peça ou elemento ao qual está ligada” na organização da produção; 5º produzir em série reduzida muitos modelos; 6º supera a integração vertical, tendo subcontratações com os fornecedores, ou seja, subcontrole. Segundo o mesmo autor, o toyotismo “[...] é um sistema de organização da produção baseado em uma resposta imediata às variações da demanda e que exige, portanto, uma organização flexível do trabalho (inclusive dos trabalhadores) e integrada”. Nesse sentido, o toyotismo caracteriza em cinco zeros: zero atrasos; zero estoques; zero defeito; zero panes; zero papéis (GOUNET, 1992, p. 29).

consequência, do dinheiro e da fortuna (ZILBERMAN, s/d, p. 01).

O fato é que a leitura é uma prática consolidada na sociedade, marcada por sua historicidade e aceções. Isso pressupõe que os desafios em torno de formar leitores na atualidade encontram-se relacionados à prática de leitura atrelada às intencionalidades do mercado de trabalho, que tende a atender aos interesses do capital.

Nesse sentido, o desenvolvimento de um leitor crítico e emancipado, marcado pelo prazer e gosto de ler, fica em segundo plano, descaracterizando, assim, a leitura como principal meio de apropriação dos bens culturais produzidos pela humanidade.

O desenvolvimento do leitor

Diante do exposto, assinalamos que o processo de leitura passou por transformações ao longo dos anos. Mas, essas modificações demonstraram que essa prática é flexível e adaptável, não abalando seu valor extraordinário para o homem, mediante suas necessidades. A esse respeito, Santos (1961) afirma que

O valor da leitura é, portanto, evidente e indiscutível. Ela permite aprender o que está escrito. Possibilita o contacto espiritual com os que estão ausentes no tempo e no espaço. Fixa e tornam mais claros e precisos os conhecimentos. Facilita o aproveitamento da experiência das gerações passadas, da qual deriva, ao mesmo tempo, a tradição e o progresso (SANTOS, 1961, p. 118).

Autoras como José e Coelho (1999, p. 84-85) também enfatizam que o processo de leitura abrange os “[...] aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos. É a correspondência entre os sons e os sinais gráficos, através da decifração do código e a compreensão do conceito ou idéia”. Para essas autoras, a fala é um comportamento natural, mas a leitura não, pois a consideram como “[...] um processo adquirido em longo prazo e em certas circunstâncias de vida que determinam o sucesso ou o fracasso na aprendizagem”.

Além disso, asseguram as autoras:

O processo da leitura envolve: • A identificação dos símbolos impressos (letras e palavras) através dos órgãos da

visão. Estes recebem os estímulos gráficos e os transmitem, através do nervo ótico, aos centros visuais do cérebro. • relacionamento dos símbolos gráficos com os sons que eles representam – a criança tem de diferenciar visualmente cada letra impressa e perceber que cada símbolo gráfico tem um correspondente sonoro. • A compreensão e a análise crítica do que foi lido: o indivíduo percebe os símbolos gráficos, compreende seu significado, julga e assimila os casos de acordo com sua vivência (currículo oculto que ele traz do meio cultural e social em que vive). [...] Na escola, o tipo de leitura mais comum é a leitura intelectual: caracterizada pela teoria dos fatos, pela rigidez da forma de apresentação e tendência a isolar o leitor do contexto pessoal (JOSÉ; COELHO, 1999, p. 85).

As autoras esclarecem que o que falta nas escolas é incentivar a leitura, por meio de atividades que os alunos aprendam a ler ‘lendo’ e não aprendam a ler passivamente.

Como já vimos em Santos (1961, p. 118), a respeito da escrita ter superado a fala, este autor também aborda que “[...] a leitura deve, por conseguinte, ocupar na escola um lugar de relevo dominante. Sua situação no processo educativo será sempre básica, não obstante o desenvolvimento dos recursos técnicos da escola”, já que “[...] os conhecimentos mais firmes e duradouros são, geralmente, os que se adquirem [...]” por meio da leitura. De acordo com o autor, nem a palavra falada pelo professor ou os meios mecânicos contemporâneos (rádio, televisão, entre outros), podem substituir a leitura de um livro no trabalho escolar.

Se, para Santos (1961) a leitura tem destaque na escola, consideramos relevante sobre o espaço que ela ocupa nessa instituição. Para isso, tomamos a definição de Saviani (2005):

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem organizar-se a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber seja aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso conhecer a

linguagem dos números, a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade. Está aí o conteúdo fundamental da escola elementar: ler, escrever, contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais (história e geografia humana) (SAVIANI, 2005, p. 15).

O exposto por Saviani (2005) é óbvio, mas será que o trabalho educativo desenvolvido nas escolas está permitindo a apropriação, pelos alunos, dos saberes elaborados? Saviani (2005) afirma que não, pois muitas das atribuições da escola são ocultadas ou esquecidas, o que, conseqüentemente, interfere no funcionamento da instituição. Conforme o autor, muitas vezes, as escolas ficam presas a um currículo que prioriza a transmissão e assimilação de conhecimentos já sistematizados, marcado por atividades extracurriculares ou que atenda aos interesses corporativos ou clientelistas, sem levar em consideração a transmissão de instrumentos de acesso a um saber mais elaborado.

No caso da leitura, enfatizamos que grande parte dos professores impõe a leitura como uma obrigação e não como uma aprendizagem de algo novo, algo que proporcionará prazer ao leitor, por meio da realização de atividades que façam com que os alunos interajam com seu meio social.

A esse respeito, Menegassi (2010) elucida:

[...]. Começa aí um entrave perigoso. A escola deseja que o aluno leia determinados textos que não são do interesse do leitor em formação. Praticamente, ela obriga a ler textos de dois, três séculos passados, que apresentam temáticas e estilos de linguagem muito distantes da realidade atual (MENEGASSI, 2010, p. 37).

É importante esclarecer que o autor não está falando que as escolas não devem pedir a leitura de obras clássicas; pelo contrário, a escola deve propor a leitura dos clássicos desde que haja uma preparação prévia para tal leitura. Cabe ao professor ser o mediador dessa atividade, conscientizando os alunos sobre o quanto é importante ler os clássicos e também ajudá-los com o vocabulário que muitas vezes se torna irreal para sua realidade.

Outra possibilidade que o professor possui no processo de desenvolvimento do leitor é a utilização de filmes, revistas, documentários que o auxiliam a compreender a obra proposta. Apresentar o autor da obra que está sendo lida é

outra forma que contribui para o desenvolvimento do leitor, pois falar sobre a vida de quem escreveu a obra desperta o interesse e instiga a curiosidade para a leitura. Outros textos que retratam a obra escolhida, como críticas e reportagens que tratam do mesmo assunto também é uma excelente opção. Segundo Menegassi (2010), quando existe uma preparação por parte do professor, o aluno se sente ancorado e interessado pela obra, possibilitando a formação de um leitor crítico e ativo.

No processo de desenvolvimento do leitor subentende-se que esse momento acarretará trabalho para o professor, pois há necessidade de tempo para as leituras e preparação das aulas. “Para que ela se torne efetiva, o docente precisa estar em contínua busca de informações e realizar observações sobre a realidade de seus alunos, para entender cada vez mais como se dá a interação significativa entre o leitor e os textos [...]” (COSTA, 2008, p. 113).

Além disso, outros autores destacam a importância do incentivo da família ou dos responsáveis pelos alunos. Sobre essa questão, Menegassi (2010) afirma:

Dentre as várias instâncias sociais, a família é, certamente, a primeira que manifesta níveis de leitura, pois é através do contato com os pais, os irmãos e demais parentes que a criança inicia seu processo de aprendizagem de leitura. Em um convívio familiar, a criança aprende a ler sua casa, os hábitos, os costumes e as regras de convivência, que a levarão ao desenvolvimento como membro da família (MENEGASSI, 2010, p. 35).

Conforme o autor, é no ambiente familiar que a criança aprende as primeiras regras de ler o mundo que a rodeia, começando pela sua casa, como sentar-se à mesa, esperar o momento para falar, respeitar os mais velhos, as regras e os deveres estabelecidos para a boa convivência. É na observação e na orientação dos adultos que ela aprende, cabendo à escola a transmissão dos conhecimentos produzidos historicamente pelos homens na vida em sociedade.

Outra instância mencionada por Menegassi (2010), que influencia o processo de desenvolvimento do leitor, são os grupos sociais, pois,

[...] também são fortes influenciadores na formação e no desenvolvimento do leitor. As várias leituras que os adolescentes e

juvencs realizam são orientadas e estimuladas pelos grupos de amigos do que pelas outras instâncias sociais citadas: a família e a escola. Os amigos indicam quais livros já foram lidos e são interessantes: quais revistas trazem informações sobre determinado assunto que agrada a todos do grupo; quais sítios na internet são de interesse mútuo, em função dos objetivos de leitura e dos interesses temáticos; quais filmes, vídeos, músicas devem ser conhecidos pelo amigo (MENE GASSI, 2010, p. 37).

O autor elucida que por terem os mesmos gostos e viverem no mesmo ambiente social, os amigos motivam as leituras com situações reais, isto é, o aluno quer informações de leituras que refletem na sua vida. Essas leituras sugeridas pelos amigos ampliam o seu conhecimento sobre a sua realidade, podendo, assim, ser aplicadas na sua vida cotidiana, ao mesmo tempo em que dá visão do mundo que o cerca. Não são leituras irreais; pelo contrário, são leituras significativas para seu desenvolvimento social. As sugestões de leitura feitas pelos amigos são mais aceitas do que as impostas pela escola, porque desperta a curiosidade, dando ao leitor a oportunidade de argumentar sobre o que leu. É isso que ele precisa: verbalizar o que lê, dando significado real para esta atividade.

Referente à formação e desenvolvimento do leitor, Menegassi (2010) postula:

[...]. A formação do leitor está voltada à aquisição do código escrito, a sua apropriação de todas as fases necessárias do sistema linguístico de determinada língua, seja ela materna ou estrangeira. [...]. Já o desenvolvimento do leitor parte do princípio de que a formação já foi evidenciada e o leitor já sabia dominar o sistema linguístico da língua em uso [...]. (MENE GASSI, 2010, p. 38).

Menegassi (2010, p. 41), ainda destaca que “O desenvolvimento do leitor crítico passa pelo trabalho com uma série de estratégias e habilidades de leitura, à diversidade de gêneros textuais que circulam na sociedade”. As habilidades e estratégias destinadas à formação de um leitor crítico, segundo o autor, dentre outros aspectos:

- Concebe a leitura como uma prática social, não apenas uma prática escolar;
- Vê os escritos da escola como passíveis de questionamento;
- Selecionar o material

- para uso objetivo do tempo;
- Examina rigorosa e criteriosamente a publicidade e a propaganda;
- Abala o mundo das certezas, tanto próprio, quanto do outro;
- Elabora e dinamiza conflitos;
- Organiza sínteses;
- Desenvolve posicionamento diante dos fatos e das ideias que circulam através dos textos;
- Analisa e examina as evidências apresentadas e, à luz dessa análise, julga-as criteriosamente para chegar a um posicionamento diante delas;
- Leva à produção ou construção de um outro texto: o texto do próprio leitor, a leitura como réplica;
- Toma posição frente ao texto;
- Analisa sua própria leitura;
- Emprega estratégias: seleção, antecipação, inferência e verificação;
- Toma decisão diante de dificuldades de compreensão;
- Arrisca-se diante do desconhecido;
- Busca no texto a comprovação para justificativas, validando sua leitura como elementos discursivos;
- Seleciona o que lê e utiliza estratégias que atendem às suas necessidades;
- Prática constantemente a leitura de textos que circulam socialmente;
- Aprende lendo;
- Considera a experiência prévia indispensável para construir o sentido;
- Sabe que não há leituras autorizadas, mas apenas reconstruções de significados;
- Determina objetivos e interações para a leitura;
- Sabe que a leitura é lugar de produção de sentido, lugar de constituição de significado, a partir da relação leitor-texto;
- Considera as marcas de sua individualidade e o contexto sócio-histórico;
- Sabe que o texto não está acabado, não é produto; é dispositivo de produção;
- Sabe que a leitura é variável, que o texto tem lacunas para serem preenchidas;
- Produz diferentes leituras do mesmo texto, dependendo do momento, das relações com o contexto;
- Avalia o processo de leitura, sabendo que na interpretação surge um novo texto;
- Mescla as ideias do texto às suas;
- Não encontra somente o sentido desejado pelo autor;
- Sabe que, a cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro (MENE GASSI, 2010, p. 42).

Nesse sentido, evidenciamos que o desenvolvimento do leitor não é uma tarefa fácil, como as apresentadas nos livros didáticos. Conseqüentemente, preparar um leitor crítico requer do educador uma formação sobre o assunto em questão; um estudo contínuo e o uso de metodologias que envolva o futuro leitor nesse processo de forma ativa.

Considerações finais

A partir do exposto ao longo deste artigo, depreendemos que, ao olharmos para as discussões contemporâneas acerca da leitura, é possível evidenciarmos sua complexidade difundida na sociedade. Em geral, essas discussões desconsideram que a leitura está imbricada com a produção da vida material dos homens em cada período histórico. Nesse sentido, a maioria das discussões acaba não explicando o processo de leitura numa perspectiva histórica ou demonstrando que as concepções de leitura foram e são historicamente construídas.

Consideramos que o indivíduo não vive isolado na sociedade; sua educação é contínua, e com as contínuas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais a escola traz consigo a necessidade de utilizar novas metodologias de ensino e aprendizagem. Entretanto, as atividades de leitura proporcionadas pelas escolas não asseguram por si só a qualidade da aprendizagem, pois para que as aprendizagens sejam articuladas entre professor e aluno é importante estruturar a atividade, fixar os objetivos de forma clara, estabelecer prazos, a fim de evitar a banalização dos textos, grandes expectativas e aborrecimentos.

É de suma importância, portanto, que o professor conheça o processo da aprendizagem e esteja interessado nas crianças como seres humanos em desenvolvimento. Ele precisa saber o que seus alunos são fora da escola e como são suas famílias. Quando um educador respeita a dignidade do aluno e trata-o com compreensão e ajuda construtiva, ele desenvolve na criança a capacidade de procurar dentro de si mesma as respostas para os seus problemas, tornando-a responsável e, conseqüentemente, agente do seu próprio processo de aprendizagem (JOSÉ; COELHO, 1999, p. 13).

A respeito da educação, Saviani (2005) ressalta que se trata de um processo característico dos seres humanos, justamente pelo fato de o homem produzir a sua própria existência, transformando a natureza, mediante o trabalho; ao contrário, os animais produzem sua existência adaptando-se à natureza. Conforme o autor, “Para sobreviver, o homem necessita extrair da natureza, ativa e intencionalmente, os meios de sua subsistência. Ao fazer isso, ele

inicia o processo de transformação da natureza, criando um mundo humano (o mundo da cultura)” (SAVIANI, 2005, p. 11).

É importante salientarmos que o processo de leitura se encontra atrelado aos contextos presentes na sociedade e surgiu como uma necessidade na manutenção das relações estabelecidas entre os homens. Marcadas pelas transformações na sociedade, temos modificações nas concepções de leitura, que tende a atender às intencionalidades de quem ensina. A esse respeito, concordamos com Zilberman (s/d, p. 01), quando ressalta que “[...] a leitura se concretiza como uma prática, que se exerce individualmente, mas que resulta da concepção que a sociedade formula para as classes e as pessoas que a compõem. [...]”. Dessa forma, a história da leitura está atrelada à possibilidade de ler, ou seja, às oportunidades e objetivos destinados ao ato da leitura.

Salientamos, ainda, que o processo de leitura passou por modificações ao longo dos anos, devido às transformações sociais que, conseqüentemente, promoveram o surgimento de diferentes concepções de leituras. É importante ressaltar que tais concepções não desapareceram na medida em que foram surgindo outras, já que muitas se mesclaram. O fato é que a definição de qual, ou quais, concepções adotadas para ensinar a prática da leitura altera-se de acordo com o grau de instrução, de informação e de intencionalidade de quem ensina.

Esperamos que este estudo possa disseminar os sentidos ideológicos propagados na sociedade referente à leitura, a fim de apontar que as relações desenvolvidas no processo de trabalho se encontram relacionados com a propagação e o desenvolvimento do processo de leitura atual.

Referências

- CORIAT, B. O taylorismo e a expropriação do saber operário. In: PIMENTEL, D.; SILVA, F. C. e; FREIRE, J.; WALL, K.; LIMA, M. P. (Orgs.). **Sociologia do trabalho**. Lisboa: A regra do jogo, 1985. p. 79-105.
- COSTA, M. da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2008.
- GOUNET, T. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo, 1992.

JOSÉ, E. da A.; COELHO, M. T. Leitura, escrita e aritmética. In: _____; _____ (Org.). **Problemas da aprendizagem**. 12 ed. São Paulo: Ática Didático, 1999. p. 45-100.

KILIAN, C.; CARDOSO, R. M. **Práticas de leitura literária**: os casos de França e Brasil. In: SIMPÓSIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: APRENDER E EMPREENDER NA EDUCAÇÃO E NA CIÊNCIA, 16., 2012. Santa Maria, **Anais...** Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2012. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/5338.pdf>>. Acesso: 04 jan. 2014.

MENEGASSI, R. J. O leitor e o processo de leitura. In: GRECO, B. A.; GUIMARÃES, T. B. (Org.). **Leitura**: aspectos teóricos e práticos. Maringá: Eduem, 2010. p. 35-61.

PERES, A. de F. Concepções de leitura. In: **Leitura**: aspectos teóricos e práticos. GRECO, B. A.; GUIMARÃES, T. B. (Org.). Maringá: Eduem, 2010. p. 23-34.

SANTOS, T. M. **Noções de prática de ensino**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

ZILBERMAN, R. **A leitura no Brasil**: sua história e suas instituições. 1994. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/regina.html>>. Acesso: 02 jan. 2014.

Recebido em: 01/03/2014

Aceito em: 04/06/2014